

O DISCURSO E A ORALIDADE: DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE A ANTROPOLOGIA E A LINGUÍSTICA

Nathalia Muller Camozzato ¹

RESUMO: O presente texto, de caráter aberto e propositivo, questiona a espécie de obliteração da materialidade sonora da linguagem (enquanto som, oralidade ou música) operada por diferentes campos disciplinares que tomam a língua enquanto objeto de reflexão e produção de saberes. Trata-se, especialmente, de pensar como um determinado conceito de língua operado pela Linguística acaba por furtar-se ao trabalho com a oralidade enquanto materialidade (o que não impede que a oralidade, a sonoridade ou a fala sejam amplamente discutidas, ainda que, por exemplo, sob o aspecto de metáforas – caso de Bakhtin – ou como uma “imagem acústica” – caso de Saussure). O exercício pretendido busca, ainda, imiscuir-se no campo da Antropologia, dialogando com alguns de seus teóricos que propuseram abordagens para o som e refletiram as relações e dissociações entre som e linguagem (especialmente Tim Ingold e Steven Feld), de forma a apontar outros caminhos que deem a ver as possibilidades reflexivas e teóricas oferecidas pela investigação das relações entre som e linguagem.

Palavras-chave: Oralidade. Som. Linguística. Antropologia.

1. Apresentação

O presente texto, de caráter aberto e propositivo, questiona a espécie de obliteração da materialidade sonora da linguagem (enquanto som, oralidade ou música) operada por diferentes campos disciplinares que tomam a língua enquanto objeto de reflexão e produção de saberes. Trata-se, especialmente, de pensar como um determinado conceito de língua operado pela Linguística acaba por furtar-se ao trabalho com a oralidade enquanto materialidade (o que não impede que a oralidade, a sonoridade ou a fala sejam amplamente discutidas, ainda que, por exemplo, sob o aspecto de metáforas – caso de Bakhtin – ou como uma “imagem acústica” – caso de Saussure). O exercício pretendido busca, ainda, imiscuir-se no campo da Antropologia, dialogando com alguns de seus teóricos que propuseram abordagens para o som e refletiram as relações e dissociações entre som e linguagem (especialmente Tim Ingold e Steven Feld), de forma a apontar outros caminhos que deem a ver as possibilidades reflexivas e teóricas oferecidas pela investigação das relações entre som e linguagem.

A discussão, em determinado momento, retomará as reflexões que fiz a partir da pesquisa documental e que realizei na construção da dissertação,

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística, Mestre em Linguística pela UFSC. Atua no Programa de Pós-Graduação em Linguística - Área: Sociolinguística, Política Linguística e Análise do Discurso. Email: nathy.rigby@gmail.com

quando minha investigação procurava as potentes e possíveis relações entre discurso, musicalidade e oralidade da língua. Por meio do mapeamento de diferentes discursividades da época nomeada como Era Vargas (1930-1945)², buscou-se observar a emergência de um dispositivo da oralidade quando (i) da tentativa de produção de uma língua nacional que unificasse as relações em um Brasil regionalizado, incluída a oralidade de tal língua nacional; (ii) da emergência e propagação da radiodifusão no Brasil (e enquanto técnica de governo); e (iii) da irrupção e da produção de um campo denominado música popular brasileira. Nesse sentido, a própria noção de dispositivo empregada pela pesquisa dá a ver como a oralidade é inserida no âmbito saber-poder (Foucault, 1999) Trata-se de dizer, conhecer, perscrutar as diferentes formas assumidas pela oralidade brasileira para, a partir disso, poder regular e legislar sobre tal oralidade, tendo-se em vista que a construção de um sentido unívoco do que seria o som do falar no Brasil, um país regionalizado que devia ser conhecido e regulado não apenas por meio da língua em termos estruturais, mas também por sua sonoridade, sua pronúncia. Nesse sentido, o que está em foco também é a forma como a oralidade, sonoridade ou musicalidade incorporam e articulam o imaginário e as práticas sociais, em consonância com o apontado por Feld e Fox (1994), quando tematizavam os fazeres da etnomusicologia após 1980.

O texto será composto das seguintes etapas: primeiramente, tensiono duas concepções, saussureana e bakhtiniana, tidas como fundantes da Linguística enquanto campo de conhecimento, e o faço a partir de uma discussão que advoga a premência de uma retomada da oralidade/vocalidade/sonoridade da língua (vide Cavarero, 2011). Especialmente no que se refere ao legado saussureano, explorarei em um teórico caro à Antropologia, Tim Ingold (2007), subsídios que me permitam questionar sua abordagem, chamada de “fonocêntrica” (Derrida, 1973). No que concerne à Bakhtin, buscarei dar a ver como as metáforas do círculo, com apelo à sonoridade, deflagram um arcabouço teórico que, ao privilegiar também o evêntico, permite que as práticas linguísticas

² Em um campo discursivo que denominamos “zona da intelectualidade”, naquele momento associada ao governo, mapeamos as revistas “Cultura e Política”, editada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, além de diferentes textos escritos por Mário de Andrade e dos Anais do I Congresso da Língua Nacional Cantada e Falada (1938). O segundo campo, que denominamos “zona da moralidade”, foi integrado por revistas e jornais populares editados na época, notadamente a “Revista do Rádio”.

sejam potencialmente compreendidas também enquanto materialidade fônica. Já a segunda etapa deste trabalho busca dialogar com Feld (1984, 1994, 2007), desde sua concepção de música e de eventos sonoros como fenômenos sociais e comunicativos, passando pelas tipologias propostas pelo autor para que sejam auscultadas as diferentes relações entre som e discurso, chegando até a proposição da acustemologia – em todos os casos, almejando, vista a complexidade de observar-se a oralidade e a linguagem, que sejam suplantadas as barreiras disciplinares, de forma que dialoguem Antropologia e Linguística.

2. Os saberes linguísticos e o som da língua enquanto metáfora

Para iniciar esta seção, cabe uma retomada de algumas reflexões que vim realizando acerca do tratamento dado pela Linguística para a complexidade sonora da língua, que ora opto por chamar oralidade. Em um texto em que tratava das práticas discursivas e culturais das religiosidades negrafricanas no Brasil em suas especificidades orais e performativas, questioneei como o conceito de língua *stricto sensu* operado pela Linguística, além de reverberar uma dada colonialidade do campo (Mignolo, 2008; Quijano, 2005), também produz um objeto reificado, passível de descrição – gramatizado, conforme Auroux (2015) – que, cristalizado em um território e em um código escrito, distancia-se dos usos, dos discursos, dos embates políticos e identitários, das práticas culturais e, sobretudo, distancia-se da materialidade fônica (caracterizada como demasiadamente contingente, performativa, corpórea).

Em outras palavras, tratou-se de dizer a forma como o processo de gramatização das línguas (Auroux, 2015), operado pelo campo disciplinar dos estudos linguísticos - ou seja, um processo que, nos encontros coloniais, causava o submetimento de línguas orais (em tentativa de diálogo com a antropologia é possível, talvez, falar em línguas que funcionavam no interior de outra metafísica que não a ocidental) às tecnologias da gramática e do dicionário - acabou por apartá-las, justamente das práticas comunicativas, sociais e culturais nas quais essas línguas funcionavam; práticas, muitas vezes, relacionadas justamente à oralidade. Nesse processo, as línguas eram decodificadas e apreendidas desde um *script* criado a partir de categorias linguísticas greco-latinas clássicas, criando-se uma rede de comunicação

centrada na Europa e, ainda no que tange às línguas, o projeto colonial em curso claramente optava por apropriar-se da oralidade a partir da sua *conversão* para um código escrito (em que pese a duplicidade do termo conversão em suas acepções religiosas).

Feita essa digressão que perpassa questões referentes à colonialidade e à gramatização, importa, neste momento, resgatar algumas das remissões que fiz a respeito do tratamento feito por Saussure e seus alunos àquilo que concerne à oralidade. Quando o estruturalista, no seminal “Curso de Linguística Geral” (2006 [1916]), tenta produzir o objeto que delimitaria (visto que uma das tarefas da área seria: “delimitar e definir a si própria” (Saussure, 2006, p.13) e legitimaria a Linguística como um campo moderno de saber, acaba por encetar também uma dada representação de língua que estabelece a oralidade como concernente ao âmbito da *parole* e não da *langue*, aquela que seria propriamente o objeto de estudos da linguística. A *parole*, contingente, diz respeito aos usos da língua, à fala, aquilo que poderíamos chamar de epifenômeno, espécie de indicador de um sistema, esse, verdadeiramente objeto dos estudos sobre a linguagem, a *langue*.

Ademais, quando a perspectiva saussureana propõe a noção de “imagem acústica” para referir-se ao som da linguagem, assume que ele “não passa de um instrumento do pensamento e não existe por si mesmo” (Saussure, 2006, p.15), ou seja, o som enquanto imagem acústica é, portanto, um fenômeno psicológico. Notório está, portanto, que tal concepção de língua ao isolar a sua sonoridade como de menor importância naquilo que elege como fatos da linguagem³ relevantes para a compreensão do fenômeno da língua, assume uma postura centrada nas relações entre as categorias linguísticas que cria, notoriamente, a articulação entre fonemas imbricada na relação significante e significado, tomando, ainda, o fonema a partir de sua relação para com o grafema.

Neste momento, gostaria de estender as reflexões acerca da concepção de sonoridade da língua operada por Saussure traçando um diálogo com Tim

³ Importa salientar aqui que, quando a escola saussureana cria uma dicotomia entre língua e linguagem, está concebendo a linguagem como um fenômeno da Natureza, ao passo a língua “algo adquirido e convencional”, o que poderia ser tensionado com aquilo que, em termos de reflexões antropológicas, seria concernente, portanto, à cultura.

Ingold (2007). No capítulo “*Language, Music and Notation*”, presente em “*Lines – A Brief History*” o autor, a partir da compreensão da existência de um processo de dissociação entre som e linguagem na tradição ocidental, propõe que seja suplantada a espécie de lógica linear (unívoca, unidirecional, mental) que rege a apreensão de um texto escrito a partir da modernidade, resgatando a maneira como a corporeidade (por exemplo, digestiva), a gestualidade e a sonoridade incidiram (ao longo da história) e incidem sobre o texto escrito. Nas suas considerações acerca da produção maniqueísta de uma dissociação entre som como fenômeno físico (substância) e as produções de significado mediadas pela linguagem, notoriamente no texto, Ingold demonstra tanto a forma como música e discurso, em outros momentos históricos da tradição ocidental que não a modernidade, não eram inscritos em diferentes registros, enfatizando também o silenciamento da linguagem como consequência do projeto moderno.

Entre as distinções e relações existentes no eixo discurso, fala e música, Ingold também menciona o “sentido do som” em termos de linguagem, afirmando que, desde uma tradição moderna de reflexões e concepções sobre a linguagem, “*the meaning of spoken words are to be found neither in their sounds nor in the effects they have on us. They are, rather, supposed to lie behind the sounds. Thus, the attention of listeners is not drawn to the sounds of speech in themselves but, rather, to the meanings conveyed by them and which they serve, in a sense, to deliver*” (Ingold, 2007, p.6). Nesse sentido, à tradição saussureana, o autor atribui uma obliteração da sonoridade, afirmando que a materialidade sonora é, naquele aparato teórico, apenas uma substância a ser posta em uso e, conseqüentemente, a linguagem é: (i) apenas um sistema de relação entre palavras; (ii) mental; (iii) independente de sua realização em atos de fala.

A “sonoridade” presente na obra saussureana, portanto, não corresponderia àquilo que aqui chamo de oralidade, que seria, em última instância, o fenômeno da realização sonora da linguagem e suas conseqüências, incluindo a música. O texto de Ingold interessa a estas reflexões, sobretudo por, a partir da familiaridade ocidental com o texto escrito e suas influências na percepção da linguagem em sua forma sonora diagnosticada por Ong (1982 apud Ingold, 2007), notar como Saussure, acadêmico, também estava particularmente imerso em um universo escrito e como isso naturalmente afetaria sua experiência e compreensão da língua oral, da fala. Assim, a despeito da

afirmação saussureana de que a escrita é apenas um meio alternativo para a fala, ele também, em sua concepção de linguagem, era influenciado por sua inserção na cultura letrada – em que pese as reflexões de Ong acerca da oralidade primária e secundária. A palavra escrita, nesse sentido, é necessária para que o elemento acústico da fala seja tomado como “imagem acústica”. Como diz Ingold: “*Could he, however, possibly have come up with his idea of sound-image, as a ‘psychological imprint’, had he never encountered the printed page?*” (2007, p.9)

Ingold está, portanto, atentando para uma produção histórica do som como um fenômeno mental no que tange à linguagem, que acaba por silenciar a oralidade do texto e, por outro lado, também apaga a linguagem da música. Nessa sorte de relações – linguagem e som, fala e escrita, fonema e grafema – Ingold também adverte que o silenciamento da linguagem, e sua consequente separação da música, não são decorrentes do nascimento da escrita, mas, sim, de sua morte, no sentido de que a própria materialidade da escrita em termos de sua relação notacional para com a sonoridade é perdida, favorecendo-se uma abstração psicológica.

O círculo de Bakhtin, notoriamente Voloshnov, também questionava as concepções sistemáticas de língua, às quais nomeava “objetivismo abstrato”, caracterizadas por não contemplarem a língua enquanto um fenômeno social (2010[1929]). Diferentemente das premissas saussureanas, o círculo assume que a fala, compreendida como os usos da língua em situações concretas, é que é o motor das transformações linguísticas e, ainda, define seu objeto como necessariamente imbricado no âmbito das práticas sociais, perpassado por ideologias e por valorações. Mobilizo Bakhtin e seu círculo para observar como esse arcabouço teórico parece muitas vezes oferecer – ainda que indiretamente – indícios para a compreensão do funcionamento da oralidade e da sonoridade em suas relações para com a língua e o discurso, ainda que, em muitos outros momentos, também acabe por não levar propriamente a cabo a sorte de questões instauradas pela oralidade e sonoridade da língua.

Parto do indício mais óbvio: a reiterada utilização de metáforas que remetem à materialidade sonora da língua e à música. Mobilizo, primeiramente, a noção de “vozes sociais”, que seriam os complexos semióticos axiológicos, ou

seja, as valorações saturadas de ideologias⁴, inclusive observando que tais valorações são metaforizadas pelos integrantes do círculo sob a forma de “acentos”. A plurivocidade e a polifonia (Bakhtin, 1997) são as relações sui generis entre as diferentes vozes - duas faces de uma mesma moeda, distinguíveis entre si pela incidência relações de poder, ou centrípetas, imbricadas na primeira e pela equipolência, ou ausência de um centro de poder. Outra metáfora sonora é a bivocalidade, forma assumida pelo discurso em condições de comunicação dialógica. Ainda, como aqui já disse, para além dos conceitos há também uso sistemático de termos como “tom”, “acento”, “escuta” etc. Certamente esses conceitos metaforizam a sonoridade não mobilizando propriamente a voz implicada no dizer, mas, por outro lado, Bakhtin, diferentemente de outros pensadores da linguagem, não efetua uma separação radical entre a oralidade e a escrita, atentando, antes, para as dinâmicas e interseções entre ambos na produção de sentido, como atentado por Bubvona (2011).

O que tento argumentar aqui é que a filosofia de linguagem cunhada pelo círculo de Bakhtin ao assumir como uma de suas pedras de toque a realização da linguagem em sua forma evêntica e singular, unicidade do enunciado concreto, posta em relação dialógica para com as formas de comunicação e de discurso mais complexas e cristalizadas (vide a relação entre gêneros primários e secundários) pode ser uma boa estratégia teórica para a reflexão das relações patentes e possíveis entre a sonoridade, a oralidade, a vocalidade e a linguagem. Contudo, o terreno argumentativo é delicado, visto que aponto possibilidades indiciais, ou seja, que não estão exatamente discursivizadas nas textualidades que ora mobilizo.

Quando a linguagem tornada objeto de estudo é colocada novamente nas dinâmicas interativas (em que pese que são considerados aí os interactantes, as práticas comunicativas em questão e as valorações socioaxiológicas) e quando está em jogo a singularidade dos eventos únicos de linguagem, tem-se que a materialidade em que a linguagem se realiza também se torna uma das questões que circunstanciam o enunciado concreto, ainda que,

⁴ Adentrar a trama teórica do círculo demandaria maiores comentários e considerações que, vistos os limites deste ensaio e justamente por se tratar de um panorama crítico reflexivo acerca das relações oralidade-som e linguagem, não serão realizados aqui.

como já dito com Bubovna (2011), a materialidade escrita ou oral não sejam antitéticas uma da outra, antes detendo uma relação de contiguidade. Nesse sentido, reflito como quando, por exemplo, Voloshnov (2010) argumenta como regra metodológica que o signo não seja dissociado das formas concretas de comunicação social, como a realização oral do signo (a voz que o diz, o sotaque que o perpassa, a particularidade do corpo que enuncia, a contigência do enunciado nas circunstâncias que perpassam sua enunciação) estaria aí implicada, valorada e perpassada pelo caráter ideológico que os autores atribuem à linguagem.

Assim, não se trata de um funcionamento da oralidade apenas quanto à singularidade daquele que fala, o que seria concernente a outra escola de pensamento sobre a linguagem que Voloshnov denomina “subjetivismo idealista”, mas, sim, do som da linguagem enquanto um fenômeno social de comunicação, o que, de certa forma, dialoga com Feld (1984), que propõe a acustemologia, do inglês, *acoustemology*: aglutinação entre *acoustic* e *epistemology* que deflagraria os sons também como forma de conhecer (Feld, 2011), estando implícito o estudo da realização e significação sons em seus contextos sociais e tendo-se em questão som, música, discurso, cultura e linguagem. A próxima seção será destinada a traçar um diálogo com Feld, mas cabe aqui apontar que o autor também se aproxima de Bakhtin ao propor que a significação do objeto ou evento sonoro se dê sob a forma de uma relação entre as formas mais cristalizadas (os tipos de gestos interpretativos) e o contato localizado e singular entre um ouvinte e o som (embora Feld qualifique tal relação enquanto dialética, diferente, portanto, da dialógica de Bakhtin).

Na perspectiva interacionista, a linguagem é submetida ao crivo ético e, assim, importa que, no encontro, a posição de cada sujeito em sua relação com o outro é singular e irrepetível visto que está imersa da alteridade diante da qual o sujeito se encontra. Nesse encontro, o som da linguagem não é um fenômeno mental, sendo possível, segundo Bubovna (2011), mesmo a compreensão da voz como um cronotopo. O homem, então, participaria da palavra com todo seu corpo.

Como visto, é possível afirmar que as considerações que fiz a partir do círculo de Bakhtin vão ao encontro das proposições feitas por Ingold, particularmente no que tange à concepção bakhtiniana do imbricamento entre

as formas orais e escritas da linguagem, a partir das relações dialógicas. Tratou-se aqui, finalmente, de pensar como uma filosofia que toma a relação dialógica entre o singular e o evêntico da comunicação, em primeiro plano, e, em segundo plano, o caráter cristalizado e histórico de certos gêneros de comunicação (forças centrífugas e forças centrípetas) é pertinente para observar o funcionamento dos sons da linguagem, o funcionamento da oralidade. Na próxima seção, proporei um diálogo com Feld, mobilizando, portanto, o campo dos saberes antropológicos como um diálogo transdisciplinar que, potencialmente, ofereceria instrumentos e estratégias para outras abordagens da sonoridade no campo dos estudos linguísticos.

3. O som como fenômeno social e discursivo

O pano de fundo da escrita deste texto diz respeito à tentativa de, desde os saberes operados por certas correntes de estudos linguísticos, propor formas de apropriação de certos saberes antropológicos - com todos os encontros, desencontros e embates que se apresentam neste curso. Passando a dialogar propriamente com a Antropologia, parto, de forma contracronológica de um texto escrito por Feld e Fox (1994), "*Language and Music*", para, após, escrutinar um texto anterior de Feld, "*Comunication, Music and Speech about Music*" (1984).

No texto de 1994, Feld e Fox traçam um panorama teórico e histórico das diferentes relações identificadas entre som/música e linguagem, diagnosticando uma complexificação nas abordagens entre música e linguagem por diversos ramos da Antropologia, entre eles a etnomusicologia e a antropologia linguística. O texto propõe uma densa revisão bibliográfica que não explicitarei aqui, detendo-me aos tópicos abordados pelos autores acerca dos diferentes prismas como os encontros entre música e linguagem foram tomados, a saber: música como linguagem; linguagem na música e música na linguagem; e linguagem sobre música - os quais descreverei brevemente, a seguir.

Em "*Music as Language*", ou música como linguagem, os autores explicitam os empréstimos feitos à linguística pela musicologia, a última utilizando-se de categorias formais da linguística, tanto estruturalistas como cognitivistas, diferenciadas pelos autores como formalismo cognitivista e funcionalismo fenomenológico. Já quando referem-se a "*Music in Language*" e

“Language in Music” os atores mobilizam, sobretudo, pesquisas empíricas em atos de comunicação situada interpelando, sobretudo, cantos, recitações, lamentos, rezas e os limites entre música e linguagem. Especificamente a abordagem *“Music in Language”* diz respeito a um campo de estudos protagonizado por linguistas e literatos que observam a prosódia, a estilística e a (etno)poética que abordam, entre outros, a dimensão musical, suprasegmental e icônica das artes verbais.

Finalmente, *“Language about Music”*, que concerne mais ao propósito deste ensaio, enfatiza a indexicalidade social e o simbolismo cultural do discurso sobre a música, mais do que os aspectos funcionais ou formais. Nesse sentido, nessa analítica, as interações entre música e discurso são vistas para além dos termos das textualidades envolvidas nas músicas, das artes verbais e das implicações entre estrutura prosódica e musical, chegando até os discursos sobre a música - tematizados sobretudo em Feld (1984), como será visto a seguir - enfatizando, aí, como os discursos são gestos interpretativos, teóricos e valorativos circundando a experiência musical. Nesse ensejo, emerge uma interface entre formas de expressão linguísticas e formas de expressão musical, entre formas de organização social da produção musical e entre ideologias culturais de conhecimento valor e poder.

Retomo aqui o trabalho que realizei na dissertação, quando observei a série de discursos produzidos no momento histórico denominado Era Vargas acerca da oralidade da língua e da musicalidade no contexto da emergência da radiodifusão e da música popular, como já introduzi neste ensaio. Importa que a ubiquidade dos sons da língua, deflagrada pela radiodifusão passou, nos discursos, a ser dita como “perigo” e “potência”. Na revista “Cultura Política”, número 19, de 1942, encontra-se um editorial que afirma o “lado fônico, extralógico da linguagem, como sua natureza originária”. Plínio Salgado, conhecido na época como “porta-voz do governo” afirmava que a voz “traduzindo em linguagem escoreita a ideia, tem o poder de arrastar multidões”, na edição nº 6 da mesma revista, no ano de 1941. Nesse sentido, visto o potencial “extralógico” de mobilização exercido pelo som, da voz, é que as transmissões deviam ser vigiadas de forma que gramaticalidade fosse respeitada. Trata-se, portanto, de um breve exemplo da forma como o teor ideológico e cultural

perpassou a relação som-linguagem no caso que investiguei em minha dissertação.

Mário de Andrade, intelectual modernista polivalente que chegou a ser funcionário do Ministério da Educação no Governo Vargas, entendia a oralidade como forma “realmente viva” da língua (Anais, 1938). Tal concepção o levou a organizar o “I Congresso da Língua Nacional Cantada”⁵, em 1937, cuja premissa era cuidar de todos os problemas técnicos, estéticos e históricos da língua falada no Brasil e do canto da nossa língua” (trecho da carta convocatória para participação nos anais). A própria realização do referido congresso já oferece uma dimensão dos gestos de produção discursiva que toma o som por objeto, um discurso sobre a música, ou uma linguagem sobre a música.

Um enunciado muito importante para a pesquisa, proferido por Mário de Andrade em sua conferência “O Problema dos Nasais Através dos Discos” (publicada nos anais de 1938) alinhavava o som nasal da língua falada no Brasil a efeitos de sentido de nacionalidade e de racialidade. Diz Mário: “o português (já caracterizado como nasal) convertido em língua nacional dos brasileiros tenha se acrescido de mais frequente nasal. É aqui que raça e linguagem se complicaram pela fusão de outros sangues e outras línguas estas quase sempre fortemente nasais” (Anais, 1938). Importa ainda que nesse artigo Mário de Andrade racializava os fonemas que encontrou em uma exaustiva análise que mapeou em uma miríade de fonogramas brasileiros: o afro-brasileiro; o afrocaipira e o afrocarioca.

Retornarei para os apontamentos feitos nesta digressão, partindo agora para as considerações teóricas feitas por Feld em “*Communication, Music and Speech about Music*” (1984), quando o antropólogo, situando a música na esfera da vida social, propõe-se a compreender o “consumo da música” como gestos de uma interpretação social sob a forma de uma estrutura de sentido produzida, performatizada e ouvida por atores historicamente situados⁶. Tal noção de consumo da música, para Feld, situa de antemão a música em uma esfera

⁵ Tal congresso foi realizado entre 7 e 14 de julho de 1937, na cidade de São Paulo e, convocando intelectuais de diversas áreas (canto, fonética, medicina etc.), de certa forma visava a um levantamento das oralidades do Brasil - “conhecendo-o pela pronúncia”. Mais ainda, propunha-se a eleger a oralidade “legitimamente nacional”, caracterizando a “beleza” e a “fealdade” dos fonemas - novamente uma valoração ideológica da sonoridade da língua.

⁶ Que potencialmente converse com a noção de cronotopo bakhtiniana, na linha do diálogo entre Feld e Bakhtin que fizemos na seção anterior.

comunicativa. Mas, naquele momento, para além do que a *música* comunica interessa a Feld, *o que o discurso sobre a música* comunica (em consonância com o que apontei acima quando mencionei minha dissertação). Portanto, infere-se que, para o autor, nos processos comunicativos da música, está implícita uma relação entre música e discurso (ainda que não se debruce nas maiores consequências filosóficas dessa relação) visto que, sua noção de comunicação diz respeito a um processo tanto relacional quanto multidimensional.

Como já vim acusando, há muitos pontos de confluência entre a filosofia da linguagem bakhtiniana e as questões teóricas e etnológicas apontadas por Feld. Algumas delas dizem respeito aos enfoques atribuídos às dinâmicas interacionais, às diferentes vinculações entre forma e conteúdo, entre as experiências específicas e mais localizadas e experiências mais generalizadas. Ao propor um enfoque interpretativo, Feld busca observar como as mensagens (face a face ou mediadas) são apreendidas por meio de esquemas de tipificação que, por sua vez, são sociais e compartilhados.

Nos esquemas de tipificação que traça, Feld (1984) acaba por empregar um vocabulário proveniente das teorias semióticas acerca da música, mas o faz tensionando as abordagens estruturais e formais da música, questionando, sobretudo, a unidade estrutural da música, o *musema*, que é análogo à unidade estrutural da linguagem, o fonema. Feld afirma que tal unidade parece pressupor que há algo que existe aprioristicamente no interior da música e que se projeta para a audiência. Em meu entendimento, o caráter de certa forma abstrato que Feld aponta no *musema* poderia ser uma traço epistemológico que também foi incorporado no processo de criação por analogia de tal unidade a partir do fonema, vista, como já apontei, a idealidade que carrega a concepção de fonema enquanto unidade sonora da linguagem.

Retornando aos processos interpretativos da comunicação musical enquanto dinâmica interacional, cabe, para fins deste ensaio, esclarecer como Feld vislumbra o processo interpretativo do que denomina evento sonoro. Primeiramente, é importante reiterar que os sons são tomados, aqui, como parte da vida social e o processo de escuta e interpretação põe em dialética as experiências singulares de escuta e os diferentes padrões de experiência sonora, por sua vez, cumulativos e iterativos. Nesse sentido, o reconhecimento do som conjuga tanto a realidade musical (o próprio som) quanto a realidade

extra-musical (uma pletera que envolve cultura, linguagem, comportamentos etc.) e aí estão imbricados procedimentos como aqueles em que os sujeitos intuem as relações entre estruturas, sonoridades e tipos de mensagens relevantes ou interpretáveis.

Tais movimentos interpretativos seriam, então, caracterizados como ações da descoberta de padrões nos sons, entre os sons. Tais ações são organizadas pelas justaposições, interações ou escolhas dadas quando alguém se engaja em um evento sonoro (tendo-se que tal engajamento varia). Feld (1984) categoriza uma série de movimentos interpretativos que não detalharei aqui, importando apenas salientar que tais movimentos interpretativos do som são movimentos sociais, que acontecem também sob o jugo de uma dialética: entre as significações que são dadas momentaneamente e os gestos interpretativos, que tendem a cristalizar-se e tipificar-se ao longo da história.

A forma como sintetizei a complexa trama que caracterizaria o gesto interpretativo inerente à comunicação musical certamente não a exaure. Por outro lado, ela enceta outras considerações de Feld que dialogam mais evidentemente com este ensaio. Afirmando que a etnografia musical deveria ocupar-se das variadas epistemologias que emergem no contato entre som e linguagem, de certa maneira, suplantando o ângulo que prioriza o “código” musical e sonoro para observar o funcionamento social dos sons. O som em si seria apenas uma parte do que pode ser comunicado, uma potência, tendo-se que o que é de fato comunicado intersecciona-se com uma gama de *backgrounds* sociais e culturais e, de minha parte adiciono, linguísticos e discursivos.

Menciono, nesse sentido, a forma como a música entrou na ordem do discurso no enquadramento de minha pesquisa de dissertação. Naquele momento, como já reiterado, de emergência da radiodifusão como força centralizadora da nação, a música e a oralidade no rádio aparecem como estratégicas para a educação popular. Os discursos sobre a música polarizavam-se, contudo, em dois âmbitos: a música orfeônica e a música popular, notoriamente o samba e seus subgêneros.

O notório musicista modernista e principal defensor do canto orfeônico, Heitor Villa-Lobos, caracterizava a música como a “unidade espiritual brasileira” (Cultura, n.28, 1943) e encaminhou para o Ministério da Educação gerido por Carlos Capanema um projeto que propunha o ensino de canto orfeônico em

todas as escolas brasileiras. Seu discurso sobre essa sorte de música dizia: “A música é um meio de concentrar as forças emotivas do povo, transportando-o a um êxtase cívico, que o faz vibrar, marchar, decidir-se. É pela música que percebemos as grandes realidades visíveis. Ela é um meio de atingirmos o infinito” (Idem).

Os gêneros populares, notoriamente o samba, adentravam uma outra ordem discursiva. Na pesquisa documental, os discursos deflagravam sobretudo um gênero racializado que ofereceria riscos se não fossem devidamente controlado. Os termos que o predicavam muitas vezes remetiam ao “sensualismo” e ao “ímpeto bárbaro”. Martins Castelo, em sua coluna “Rádio”, semanalmente publicada na Revista Cultura Política, reiteradamente refere-se ao samba como “hits inferiores, com refrões onomatopaicos, exclamativos e monossilábicos” (Cultura, n.13, 1942, p. 287). Assim, racialidade e musicalidade mimetizaram-se nos discursos sobre o samba, como se pode ver no seguinte enunciado escrito por Plínio Salgado: “[...] o samba traz na sua etimologia a marca do sensualismo, é feio, indecente, desarmônico e arritmico, mas paciência: não repudiemos esse nosso irmão pelos defeitos que contém. Sejam benévolos, lancemos mão da inteligência e da civilização. Tentemos devagarinho torná-lo mais educado e social. Pouco importa de quem seja filho” (Cultura, n.6, 1940).

Em questão está, aqui, a discursivização do som. Feld observa um forte processo metafórico no dizer “o som” e, nessa metaforização, é importante destacar quais tipos de construções e tendências são estabelecidas nesse enquadramento metafórico. O autor destaca três: (i) ideologia expressiva, ou o ordenamento estético; (ii) processos identitários; e (iii) coerência, dada no âmbito subjetivo. Portanto, Feld está evidentemente tensionando as relações entre som e linguagem (aqui no âmbito discursivo), alegando que o “falar sobre a música” é um fato da vida e, portanto, merece tornar-se objeto de estudo por si mesmo. Nesse sentido, as relações música/som e linguagem deixam de ser irredutíveis. Cito: “Eu enfatizaria que o atributo significativo da comunicação musical não é que ela seja intraduzível e irredutível ao modo verbal, mas que sua generalidade e multiplicidade de possíveis mensagens e interpretações que trazem a tona um tipo especial de atividade sensorial e engajamento da parte do ouvinte.” (Feld, 1984, p. 14). O que observamos nos enunciados anteriores são deslizamentos

entre música, nacionalismo e racialidade complexamente interpenetrados na atribuição de sentido aos sons.

A suposta irredutibilidade entre música e discurso tem, a partir da metáfora, uma análise produtiva, uma vez que, para Feld, as metáforas deflagram que as coisas são simultaneamente semelhantes e dessemelhantes. Torna-se, aqui, mais interessante o falar sobre a música e sobre o som onde o falar falha, justamente pelo compartilhamento social desse falar falho. Se, de fato, há coisas que são comunicadas pela música que não são comunicadas pelas palavras, como o discurso opera para significar aquilo que é comunicado pela música? Aqui, para o autor, podem emergir, por meio de metáforas discursivas e lexicais, abstrações como valores, identidades e expressão de mundo.

Para finalizar esta seção, menciono muito brevemente outro artigo escrito por Feld et al., “*Vocal Anthology: From the Music of Language to the Language of Sound*” (2004), cuja abordagem perpassa também a questão do timbre. Um trecho desse artigo observa como, embora o timbre seja um conceito saturado no âmbito da música popular, especialmente nos estúdios de gravação, também um conceito de difícil caracterização e pouco utilizado no âmbito dos estudos acadêmicos. Feld et al. apontam para o processo metafórico de discursivização do timbre, salientando o apelo de visualidade e coloração de tal metaforização. O timbre foi um termo constantemente referido nos discursos aventados pela minha pesquisa e era mobilizado sobretudo quando adquiria conotações raciais. Explicito essa afirmação mobilizando outro enunciado de Mário de Andrade, sobrecitado aqui: “dicção e timbre demonstram ser caracteres raciais profundamente determinados por funções fisiológicas e são, por isso, valiosas provas das relações e diferenciações antropológicas” (Anais, 1938, p.77)

4. Considerações Finais

Este ensaio foi uma tentativa de adentrar o escopo teórico da antropologia desde considerações advindas do campo da linguística de forma a complexificar as reflexões que tomam por objeto a oralidade, a música, o som e a linguagem e o discurso. Tentei traçar um caminho que partia da crítica de uma

certa concepção estruturalista de língua e seus sons, utilizando para tal argumentação, Ingold, ou seja, do campo antropológico. Ainda nesta seção, aponte as potências do aparato teórico produzido pelo círculo de Bakhtin para se considerar o objeto oralidade e as relações entre som e linguagem.

Na seção seguinte, a partir de um diálogo com Feld, Fox e Feld et al., retomei discursos sobre o som, sobre a oralidade e sobre a música que foram aventados em pesquisa anterior, aprofundando, assim, as análises. A compreensão do discurso sobre a música como um fato da vida e, portanto, um objeto de estudo legítimo, apontada por Feld, é estratégica para que se suplantem as supostas irredutibilidades entre som e linguagem e foi produtiva para minha abordagem. Ademais, a contribuição da antropologia nesta tentativa de diálogo é ímpar na medida em que os teóricos selecionados dão a ver os aspectos sociais e culturais da relações aqui postas em xeque, o que possibilita que sejam complexificadas as análises, indo em direção à uma concepção tanto de língua e discurso, como de som e oralidade mais contextuais e imbricadas nas práticas sociais e culturais - logo, antitética dos fazes linguísticos que reificam a língua, justamente aqueles que questioneei aqui.

Finalmente, cabe reafirmar o caráter provisório e não exaustivo deste ensaio e destas reflexões, reafirmando também como o trabalho com o som, a oralidade, a voz, a linguagem e o discurso importa justamente pelo tipo de questionamentos que instaura e as concepções que desloca, notadamente, como descreveu Cavarero (2011), as questões aparentemente paradoxais: “Como dizer o extralinguístico?” ou “Como conceituar o extraconceitual?”. A partir da complexidade dessas questões é que se pode dar a ver como os discursos sobre sonoridade, oralidade, musicalidade ou, ainda, vocalidade mobilizam, em seu processo metafórico, questões de múltiplas ordens, como, no caso dos exemplos citados, referentes ao nacionalismo, à racialização e às diferentes relações de poder.

Referências

ANAIS do I Congresso da Língua Nacional Canta. Departamento de Cultura do Governo do Estado de São Paulo. 1938.

AUROUX, Sylvain. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Trad.: Eni Puccineli Orlandi. Campinas: Ed. Unicamp, 2015.

BAKHTIN, M. (Voloshnov) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, M. **Estética e Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes. 1997.

BUBOVNA, Tatiana. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. **Bakhtiana**. São Paulo, v.6, n.1, 268-280, Ago./Dez. 2011.

BAKHTIN, M. (Voloshnov) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, M. **Estética e Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes. 1997

CAVAREIRO, Adriana. **Vozes Plurais – Filosofia e Expressão Vocal**. Minas Gerais: UFMG, 2011.

CULTURA Política: revista mensal de estudos brasileiros. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1941-1945. In: Hemeroteca, Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/cultura-politica/163538>>. Acesso em: Set. 2016.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo, Perspectiva, 1973.

FELD, Steven. Communication, Music, and Speech about Music. **Yearbook for Traditional Music**. v.16, p. 1-18, 1984. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/768199?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: Jul. 2017.

_____. Acoustemic Stratigraphies: Recent Work in Urban Phonography. **Sensate Journal**. 2011. Disponível em: <<http://sensatejournal.com/2011/03/steven-feld-acoustemic-stratigraphies/>>. Acesso em: Jul. 2017.

FELD, Steven; Fox, Aaron A. Music and Language. **Annual Review of Anthropology**. v. 23, Oct. 1994, p. 25-53. Disponível em: <<http://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev.an.23.100194.000325>>. Acesso em: Out. 2017.

FELD, Steven; et al. Vocal Anthroponology: From Music of Language to the Language of Song. In: DURANTI, Alessandro. **A Companion to Linguistic Anthropology**. London: Blackwell Publishing, 2004. p.33-60.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I – A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1999.

INGOLD, Tim. Language, Music and Notation. In: **Lines – A brief history**. New York: Routledge, 2007. p. 6-38.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência Epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política. Trad. Ângela Lopes Norte. **Caderno de Letras UFF** – Dossiê Literatura, Língua e Identidade. n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: <http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf>. Acesso em: Nov 2017.

QUIJANO, A. Colonialidad del Poder, Eurocentrismo y América Latina. In: A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas latinoamericanas. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires, 2005. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/clacso/index/assoc/D1207.dir/12_Quijano.pdf>. Acesso em: Mar. 2015

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

Data da Submissão: 24/10/2018
Data da Aprovação: 18/12/2018